



22 de janeiro de 2022, Internet das Coisas **Vespas-Asiáticas (com cara Cor-de-laranja)**

Há histórias muito engraçadas que eu escrevi que me ensinaram “a expulsar” as coisas e ligações espirituais que não existem de verdade e a ver a realidade. Diria que é através da minha escrita que eu consigo chegar “à verdade das coisas” e libertar-me do meu próprio espiritualismo. Acho que é importante nós desprendermos do nosso próprio espiritualismo, porque é, muitas vezes, o nosso próprio espiritualismo que nos prende e acaba por nos atrasar não deixando ver a realidade e como é que as coisas na verdade funcionam e como é que as histórias acabam por funcionar com a sua própria Internet das Coisas. Porque há já uma natural Internet das Coisas. As coisas funcionam.

Os *Illuminatti Games* mandam contar-me a história da vespa asiática. Mas antes de contar a história das vespas asiáticas vou contar primeiro 4 histórias que depois com a sua Internet das Coisas vão acabar por se interligar à história maçónica das vespas asiáticas. [Pelo menos, espero!]

Antes do meu namorado eu tinha um outro namorado. Esse meu ex-namorado fumava muita droga, muito charro... Era um drogado. Não se ainda é ou não. Para mim, quem fuma todos os dias droga é um drogado. Isto não pode ofender. Quem fuma todos os dias droga é um drogado. Quem tem de fumar droga para fazer não sei o quê, ou para se divertir ou para estar nas coisas, é um drogado. Paciência se a minha escrita ofende, só porque escrevo a verdade. Namorei com um drogado, posso por isso escrever sobre os drogados. Antes de começarmos a dar beijinhos, já o meu ex-namorado tinha um charro enfiado na boca. Vinha ter comigo com um charro enfiado na boca. Para além de ser um drogado, ele tinha a mania que era “bruxo” e que “conseguia ler pensamentos”. Andei com um tipo mentalista que queria era “predar-me” o cérebro. Se ele fosse canibal e me pudesse comer o cérebro, ele comia-me. Metia as mãos na minha cabeça, fechava os olhos e lá começava com o seu mentalismo. Este gajo, era um merdoso... Tinha medos. Eu sempre adorei andar no escuro. Sempre adorei fazer caminhadas noturnas. Tenho uma grande visão noturna. Não gosto de andar com lanternas e não gosto por isso de caminhar à noite com pessoas que ligam as lanternas, armados em pirilampos a encadear os verdadeiros pirilampos. Este meu ex-namorado tinha uns olhos que pareciam um pirilampo, um ser “alienígena” com uns olhos “alienígenas”... Mas toda esta “alienígenidade” que eu via nele era uma pura fantasia. Ao pé dele, alienígena era eu! Eu não tinha medos, ele é que tinha. Eu adorava ficar a olhar para o céu e ver todos os grupos de estrelas e planetas a aparecerem devagarinho no meu campo de visão, enquanto que ele ficava a olhar e via deuses e fantasmas... Se fosse preciso, ia buscar o estúpido telefone dele e metia uma aplicação por cima do nosso céu para ver os deuses e os fantasmas. Mas achava que o telefone dele é que era super inteligente, porque tinha uma super tecnologia para ver os fantasmas e os deuses... E no meio de tudo isto, ele dizia-se bruxo. Dizia que era bruxo. Nunca acreditei em bruxos, mas eu achava-o giro.

Eu gostava do cabrão do bruxo. Uma vez “assaltámos” uma cavaliariça ao pé da minha casa para namorarmos. Havia bocados de parede e de telhado no chão da cavaliariça... Para nós o cenário era perfeito. Ali ao pé da minha casa só tínhamos 3 cenários para escolhermos. Ou assaltávamos a cavaliariça que estava aberta, ou assaltávamos o prédio que estava em obras ou assaltávamos o campo de futebol e namorávamos nas bancadas. Assaltámos a cavaliariça. Fiquei com o momento gravado na minha cabeça. Não assaltei o prédio em obras com o bruxo, assaltei com o meu namorado. As histórias no prédio em obras ficaram para o meu novo romance com o meu namorado.

Passei pela cavaliariça e contei ao meu namorado. Disse que ainda tinha presente na minha memória o episódio com o meu ex-namorado na cavaliariça. Contei-lhe, porque sabia que não tinha mal. Esqueci-me de tudo o que passei com os meus ex-namorados, tenho só memórias muito específicas que passei com alguns. Aproveitei as memórias para escrever numa fantasia da realidade os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke. E tinha essa memória na cavaliariça com o meu ex-namorado. O meu namorado fez o papel de mago feiticeiro, encarnou a personagem tal e qual e numa espécie de “feitiço” lançou “chamas invisíveis” à cavaliariça e disse: «vou mandar pegar fogo à cavaliariça para incendiaries todas as memórias com esse bruxo! Amanhã vais ver que quando passares por aqui, o episódio da cavaliariça vai desaparecer». Achei piada. Achei piada à forma teatral, como

o meu namorado fez a coisa. Registei por isso no meu caderno sagrado. No dia seguinte, a cavalaria desapareceu. Foi demolida. Achei piada. Sou de Direito. Sei como é que o Direito Administrativo funciona. Sei que só a Câmara Municipal (ou a junta de freguesia), em princípio, é que poderia mandar demolir a cavalaria. Fui em silêncio ao site da Câmara Municipal ver se havia algum anúncio. Não havia. Telefonei ao meu namorado, “como quem não queria a coisa”, a dizer que a tal cavalaria que tínhamos passado no dia anterior tinha sido demolida... Disse que havia vestígios pretos de queimada no chão... Mas disse que tinha sido completamente removida; era como se a cavalaria nunca tivesse lá estado... O meu namorado ficou só a ouvir-me... Nem sequer fez caso. Não disse, por exemplo, “tás a ver, baby(?) eu não te disse que ia mandar pegar fogo...?”. Fiz, portanto, e também, silêncio sobre o assunto. Imitei o silêncio. Mas nesse silêncio, lembrei-me que quando passeámos à noite, passeámos sem telefones, sem tecnologias, passeámos só com os nossos espíritos... Ao telefone a conversa foi diferente. Ao telefone a conversa fica sempre diferente.

Das duas uma: ou foi uma grande coincidência ou o meu namorado viu o anúncio em qualquer sítio e sabia e aproveitou a Internet das Coisas e ficou calado. Mas ainda assim, foi preciso ser coincidência ele saber da demolição, nós passarmos pela cavalaria e eu lembrar-me de lhe contar sobre o episódio da cavalaria, quando já lá tínhamos passado imensas vezes e nunca lhe tinha contado. São as chamadas “estranhas coincidências” ou por mim chamada “Estranha Internet das Coisas”. Foi depois nos *Illuminnatti Games* que eu tive de ligar a minha Internet das Coisas para descobrir que o meu namorado tinha uma pasta oculta com palavra-passe com anúncios maçónicas. Só que com a minha própria Internet, eu “adivinhei” a palavra-passe e consegui entrar na pastinha maçónica. Vi que o meu namorado tinha guardado o tal anúncio da demolição e tinha também o anúncio de uma poda de uma árvore chorão na Ilha dos Lobos-Marinheiros e que eu registei em 2080.

Quando eu estava a trabalhar na Praia dos Bodyboarders e alojado na Ilha dos Lobos-Marinheiros, houve uma semaninha que o meu namorado veio ter comigo. Estava a estudar para o exame mais importante da vida de um estudante de medicina, para o exame que dita a especialidade que o médico vai poder escolher. Passámos à noite por uma árvore chorão. Eu adoro chorões. É uma das minhas árvores favoritas. O chorão estava no meio da rua com os seus ramos até ao chão. Estávamos ali debaixo do chorão a namorar e eu ali a querer dar direitos ao chorão e o meu namorado faz-me o sinal de tesoura e diz que no dia a seguir o chorão ia chorar que nem um bebé, porque os ramos iam ser cortados e que não valia a pena eu estar a pensar em dar direitos a um bebé chorão como o chorão que ia chorar. No dia a seguir, o meu namorado foi-se embora e eu depois do trabalho passei pelo chorão e vi que o chorão tinha sido todo cortado, parecia que tinha ido “ao cabeleireiro”. Parecia que do longo cabelo que tinha até ao chão, tinha ficado com os cabelos só pelos ombros. Achei que tivesse sido um corte muito radical e disse ao meu namorado pelo telefone que não tinha gostado do corte que a junta de freguesia tinha feito ao chorão; e num tom de brincadeira de namorados, disse-me para eu não falar mal da junta de freguesia sem perceber de podas de chorões. Ri-me e fiquei calado. É verdade... Não percebo nada de podas. Não tenho nenhum curso de podas. Não sei até quando é que uma poda é boa ou não para a árvore. O que eu defendo, é que devemos ter botânicos administrativos, tal como biólogos administrativos dentro das câmaras municipais.

Mais recentemente, em dezembro, fui com o meu namorado a uma loja para comprar um casaco. Havia um com um padrão-abelha. Como eu adoro abelhas eu queria comprar esse. Mas o meu namorado e o lojista “da coisa” (o rapaz que estava a trabalhar e que depois nos *Illuminnatti Games* descobri que era um estudante de medicina que trabalhava em part-time para poder pagar as propinas na Faculdade de Medicina) gozaram comigo e disseram que eu ia parecer a Abelha-Maia. Nem sei quem é a Abelha Maia... Só sei que a história da Abelha Maia existe, mas não sei a história. O meu namorado queria que eu comprasse um outro casaco cor-de-laranja e eu disse que não queria, porque ia parecer “uma vespa-asiática” e fomos embora. O polvo do meu cérebro numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari conseguiu hackear a mensagem que o meu namorado tinha enviado ao afilhado: “guarda o casaco”. Vi isto num feixe de segundos. Nem dois segundos foi. Mas por causa do pensamento cinematográfico, o meu cérebro começou logo a construir a fita do filme.

Parece que o meu intuitivo cérebro sabe sempre quando tem de começar a construir as peças do puzzle para fazer uma nova fita de filme. O meu namorado foi para Lisboa e fiquei na casa dos meus pais. No dia a seguir, o meu namorado telefona-me para eu lá ir buscar, “por favor”, o casaco cor-de-laranja porque, a brincar, a brincar, disse que as vespas asiáticas estavam a aparecer em Portugal e se elas aparecessem no meu jardim para me atacar, era só eu vestir o casaco que elas iam achar que eu era a Rainha e por isso não me iam fazer mal. Rimo-nos imenso e eu respondi que não havia casos de vespas-asiáticas na minha cidade... E ele respondeu que não era por não haver que não poderiam, do nada, aparecer... Vi logo no meu filme vespas a aparecerem e achei “piada”, porque até seria fixe para o meu filme. Já que eu já tinha iniciada a construção do filme, ao menos, que se desse um desfecho “real” ao filme, mesmo que fosse “só” numa curta-metragem da vida...

Lá fui comprar o casaco, só que o casaco não estava exposto. Telefonei ao meu namorado e disse todo contente que o casaco já não havia, porque eu não queria comprar o casaco. Ele disse para eu ir falar com o tal rapaz. Disse-me só depois que era um dos afilhados dele “não oficiais”. Lá fui falar com o rapaz e o rapaz puxou-me logo lá para uma porta do armazém e foi buscar o casaco, todo feliz, todo contente. Estava mais contente do que eu, como se tivesse entrado para dentro de um filme, como se tivesse sido convidado e eu fosse o único que não soubesse de filme nenhum.

Passado uma semana, entra uma abelha no meu quarto. Eu escrevo sempre com as abelhas. Estou habituado a escrever e elas entrarem e ficarem tipo drones a monitorizarem-me a escrita. Às vezes, é como se elas se conectassem ou à minha escrita ou ao meu cérebro. Muitas vezes aconteceu eu estar a escrever os meus direitos para as abelhas e estar a arranjar fundamentações para o Direito das Abelhas pela polinização, pela sua socialidade, organização, enfim, tento trazer os argumentos todos e elas aparecerem nesses momentos... É claro que na escrita eu sou espiritual, mas na vida real, fora de espiritualismos, eu vejo tudo como uma coincidência. Sou “obrigado” a ver sempre tudo como uma coincidência. Senão não andava. Ficava sempre parado. Não fico parado na Vida.

Essa tal abelha parecia que estava num grito de socorro. Escrevo isto assim, deixo isto escrito assim, porque vi um comportamento “anormal” da abelha que me chamou a atenção. O comportamento até pode ter sido absolutamente normal. Mas das minhas observações, o comportamento foi “anormal”. A abelha entrou “agitada” e saiu. Parecia que tinha ido “chamar-me”. E por isso, saí de casa. E assim que saio, vejo “um objeto voador cor-de-laranja” que parecia uma vespa asiática de longe. Tive de ir verificar. Não quis acreditar. Era uma vespa-asiática. Fiquei confuso, porque eu sei que nós estamos numa Era tecnológica muito avançada em que já temos moscas-robots do tipo drone, temos abelhas-robot do tipo drone... Mas só me lembrei disto, pelo meu namorado ter dito que iam aparecer vespas-asiáticas num filme impossível da vida real que eu tinha visto, porque não há/havia vespas-asiáticas na minha cidade, nem caso nenhum.

[Pensei que se nós já temos abelhas-robots, então também já podemos ter vespas-robots. No entanto, uma vespa-robot no meu jardim à época em que estamos, só poderia dizer poucas coisas: ou eu estava num “filme” invisível em que quem tinha o robot era uma realizadora, ou estava numa experiência científica ou militar. Tive de me lembrar, fui obrigado a lembrar-me que eu tinha acabado de vir de um maçónico Processo Mental. Estive numa praia com um salva-vidas, a quem eu chamei de anjo na minha literatura, em que uma vez tinha umas lentes tecnológicas postas. Não sei se eram cosméticas ou se eram as lentes da Sony ou da Samsung, em que depois os meus amigos apareceram na mesma semana e puseram uma música a dar em que no videoclip eu vi exatamente as mesmas tais lentes “tecnológicas”... Vi depois as mesmas lentes no Facebook de uma pessoa ligada à produção, à arte e ao espetáculo em que lhe perguntei de onde vinham as lentes que ele tinha numa determinada fotografia e ele respondeu-me que eram lentes que só apareciam em filmes ou vídeos para as grandes realizadoras ou produtoras. Pensei que um salva-vidas ter lentes dessas, só se de facto estivéssemos ou num filme, ou numa experiência maçónica, cinematográfica, científica ou militar. Mas como sou editor e realizador da Jupiter Editions fiquei tranquilo e pensei que talvez tivesse num “filme tranquilo” em que muito breve as minhas filmagens sem a minha autorização me viessem parar às mãos e se desse, assim, um silencioso consentimento em que as duas partes ficavam satisfeitas.

Isto é puro Direito. Direito é pura ficção. Isto é pura ficção. Lembrava-me também de alguns insetos “muito amorosos”, “muito artificialmente amorosos” como as libélulas que não me largavam e que o anjo dizia que parecia que me defendiam e que me prestavam “culto”... Ora, eu sou científico... Isto não existe! Não estamos nos desenhos animados... Mas a verdade é que as libélulas cercavam-me e não me largavam. Eu ia até nadar e elas lá vinham... Cercavam-me no ar. De fora, dava um efeito bonito. Era como se eu fosse “sei lá o quê”... Enfim... Mas deixei estar as coisas sempre no absurdo silêncio. Eu gosto de libélulas e sei que elas não andam tipo atrás de nós como se fôssemos uma libélula Rainha... É claro que me preparei para **2080** e pus a hipótese de estar numa experiência tecnológica com libélulas-robots para ver se eu conseguia ou não conseguia perceber a diferença. E eu sou franco: eu tenho medo deste tipo de tecnologias. Porque mesmo para uma pessoa como eu, que gosta tanto de insetos, da natureza, que está sempre a caminhar na natureza, fica difícil de percebermos se estamos perante um robot ou um inseto. Às tantas, nós já não fazemos ideia. E como é lógico, que eu sou contra este tipo de desenvolvimento de tecnologias a não ser que seja altamente fiscalizado e transparente e que seja só usado para filmes, por exemplo. Só que a questão que eu levanto é esta: será que um filho de um realizador milionário não pede ao pai para levar a libélula-robot e com os amigos vai telecomandar para brincar com as mentes humanas mais pobres em termos de dinheiro e no acesso de informação das coisas? Porque é isto que está em causa. E eu posso telecomandar um exército de libélulas, de abelhas ou de vespas uma só vez num ambiente maçónico, num ambiente fechado, só para fazer uma experiência com determinados cérebros e implementar uma marca, uma memória falsa, um conjunto de memórias falsas a determinados cérebros que se não forem suficientemente desenvolvidos e não tiverem capacidade de atribuir significados possíveis, mesmo em silêncio, poderá ser muito desastroso. Nós somos memórias.

Como é que eu Estado consigo combater isto ou negociar isto? Para mim, é muito fácil: se não posso proibir, porque “o jogo” não me deixa proibir este tipo de tecnologias, então eu posso não financiar o seu desenvolvimento, quando obviamente há coisas e tecnologias muito mais prioritárias que um governo deve financiar ou pôr dinheiro. Mas eu não quero ficar sozinho. Se toda a gente no mundo ou em Portugal, falo só de Portugal, quiser drones-moscas, lentes tecnológicas que filmam, enfim, e se eu for o único a não querer, é claro que terei de me adaptar à nova sociedade tecnológica, no entanto, eu posso impor uma regra e a regra é muito clara: todos os drones-robots do tipo borboleta, abelha, mosca, vespa, *etc* (que imitem um inseto) e que sejam pequenos têm de ter uma marca de fábrica, para que todos nós possamos identificar. E essa marca tem de ser visível para qualquer “utilizador” da nova vida tecnológica, nem que seja um código de barras. Mas eu tenho de conseguir ver de “imediato” que não é uma vespa verdadeira, mas um drone-vespa. Isto é fácil de perceber o porquê. Eu não posso estar em casa com o meu namorado e entrar uma mosca-drone e nós estarmos a ser filmados e a ser transmitidos num canal pornográfico em que de repente **O Algoritmo do Amor** afinal é um romance que nasce das mãos dos **Cavaleiros Tecnológicos** de Barac Bielke em que a personagem não fazia ideia que tinha nascido escravo num verdadeiro **Black (Porn) Market**. Não desenvolvo mais o tema. Volto à história da vespa asiática.]

[Meti-me por baixo da nespereira e vi mais do que uma. Tive de ver mesmo perto para ter a certeza de que eram vespas-asiáticas e eram. Eu já sabia que eram. Vi a cara cor de laranja, vi o tamanho, a cor... Era vespa-asiática. Abri o Google no telefone só para pôr ao lado e vi que eram, de facto, vespas-asiáticas. E foi quando uma das cabras olha para mim. Fiquei arrepiado. Vi mesmo de perto. Olhei mesmo para a cabeça, vi a cabeça a mexer. Vi a cara dela. Se não fossem assassinas de abelhas eu ter-me-ia apaixonado. Apaixonou-me pelos insetos, pela engenharia, pela tecnologia, pelos olhos, pelas antenas dos insetos. É como se “botões” em mim tecnológicos fossem carregados e eu imagino-me com eles um inseto. Penso como seria a minha com o meu namorado se fôssemos insetos. E fico feliz por ser humanos e não sermos insetos. Não queria ser um inseto. Mas vejo inteligência nos insetos e protejo por isso os insetos sociais inteligentes. As vespas-asiáticas são obviamente insetos sociais super inteligentes, mas eu odeio-as, porque olho para elas e vejo-as como nazis. Elas matam as nossas abelhas! São invasoras! Dos ninhos e do veneno das vespas-asiáticas podemos fazer ótimos medicamentos. Olho para as vespas-asiáticas com olhos de mercado.

Vejo uma Farmácia e uma Medicina e investirem na extração do veneno das vespas asiáticas e a criarem-nas em laboratório ou estufa, de forma a não interferirem com o nosso ecossistema nem com as nossas abelhas. Há quem veja o ataque das vespas-asiáticas às nossas abelhas como uma espécie de “seleção natural” das espécies. Bom, eu não. Não acredito nessa “seleção natural das espécies” quando obviamente nós somos humanos, fazemos obviamente parte do meio ambiente, não somos extraterrestres e temos o dever de “dar uma ajuda”, dar uma “mãozinha” à Mãe Natureza e com o uso da nossa Razão saber olhar para as coisas e ver que podemos obviamente intervir no Ecossistema, numa chamada Mínima Intervenção das Coisas. E faz sentido esta nossa Mínima Intervenção das Coisas para salvarmos espécies e animais e inteligências muito importantes que estão numa verdadeira Internet das Coisas connosco e com a Vida na Terra, porque nos ligam à Internet da Vida. Por exemplo, é preciso vermos que há poucas tartarugas por causa das onças. A onça, que é o Jaguar, é um predador. Nem todos os predadores são “bons ecologistas” como os leões. Se ninguém agarrar o Jaguar, o Jaguar mete-se a espatifar todas as tartarugas que aparecerem na estrada. E não pode ser. Tal como os crocodilos. Eu acho que o Homem pode sim ter uma mão nisto. O crocodilo é uma carne branca, logo é saudável. Para mim faz mais sentido comermos crocodilo do que porcos ou vacas se somos humanos, porque os porcos e vacas podem ligar-se a nós e ter sentimentos por nós e amar-nos e os crocodilos não. É só um argumento. Mas elogio o meu argumento e vejo, por isso, que é um bom argumento, é um argumento inteligente que protege as vidas inteligentes. Sinto-me verdadeiramente conectado à Vida Inteligente.

Por me sentir verdadeiramente conectado à Vida Inteligente, não me oponho à caça de crocodilos para proteger um ecossistema onde há tartarugas, protegendo assim as tartarugas e alimentando uma população de forma mais saudável. Ora, para protegermos os bons não podemos proteger os maus. As tartarugas, apesar de serem répteis, ligam-se fortemente umas às outras, ligam-se a nós, têm prazer em fazer amor, metem as suas cabeças para fora para nos cumprimentarem como se nos quisessem contar a história das nossas vidas. Vejo com a minha intuição que as tartarugas têm pensamentos e são capazes de sonhar. As tartarugas nascem com bússolas naturais, capazes de voltar a atravessar outra vez um oceano onde puseram os ovos. Estão sintonizadas ao íman do núcleo eletromagnético da Terra. Acho estranho e impossível sabermos isto, vemos isto tão de perto e não protegermos animais conectados à Vida Inteligente tal como nós. Os crocodilos não: são canibais, solitários e são os répteis como as cobras. Defendo por isso que poderíamos alterar a nossa dieta e comer os animais canibais como as cobras e crocodilos. As cobras também são carnes brancas e muito mais saborosas do que vacas e porcos que são mamíferos super inteligentes, emotivos, dóceis e anatomicamente “iguais” a nós. Comer um porco é como comer uma pessoa. E somos nós sim que fazemos e estabelecemos as hierarquias no Reino Animalia aqui na Terra, porque no Reino Animalia nós os humanos é que somos os deuses que com o nosso Direito e Economia podemos fazer as leis. A Natureza não se mexe sozinha. Ela própria polui-se a ela própria e dá cabo dela própria. A Natureza também se sabe suicidar. Faz sentido, por isso, nós reconhecermos que somos seres inteligentes com capacidade de olhar para as coisas e raciocinar sobre elas, raciocinar sobre os recursos... Enfim...]

Lá o exército todo das vespas-asiáticas olhou para mim e montou-se aos meus ombros. Em cima do meu casaco cor-de-laranja, da cor delas lá começaram a fazer uma dança erótica “para mim”, a “olharem para mim”... Depois da dança erótica que não me convenceu nem sequer me seduziu, telefonei ao meu namorado. Ele ria-se e dizia: “Tás a ver amor? O casaco da vespa-asiática salvou-te... Elas pensam que tu és a Rainha... Se tivesses vestido o da abelha-maia elas atacavam-te...”

Fui falar com os senhorios para informar que tínhamos vespas-asiáticas no jardim. Fiquei encarregue de telefonar para os Bombeiros e para a Proteção Civil. Fui informado que as vespas-asiáticas eram capazes de fazer o ninho até 1.5 km e que podiam só estar de passagem. [Eu disse que tinha abelhas no meu jardim que estávamos na altura em que a nespereira estava a florir e era suposto a nespereira como sempre estar coberta de abelhas e não estava, tinha lá as vespas-asiáticas e eu estava com medo de que as vespas tivessem descoberto as colmeias lá em casa e tivessem já a montar ninho.

Disse que era urgente. Lá se combinou com os bombeiros para uma Caça aos Ninhos das Vespas Asiáticas.] No dia a seguir simplesmente já não havia mais vespas-asiáticas. Foi tudo só de passagem.

Acredito na minha Intuição de olhar e ver as coisas que quanto mais tecnologia, mais emitimos radiações, mais afetamos as abelhas e mais damos vantagens ao desenvolvimento das vespas-asiáticas. Se nós olharmos para uma vespa asiática e comparámo-la com uma vespa asiática, nós vamos ver que a vespa asiática tem uma envergadura muito maior, é muito mais forte, é muito mais “tecnológica”, é mais “avançada”... E talvez, por isso, aguente todas as tecnologias desde o 6G ao 9G. Mas se nós tivermos biólogos, insectologistas, ecologistas, químicos, físicos a dizerem que tais níveis de radiação afetam as abelhas, eu acho que é mais do que óbvio que nós não podemos avançar no nível tecnológico. Podemos fazer várias analogias com isto. Se me estão a dizer que eu para ir para um outro planeta, para um outro nível não posso levar as pessoas de quem eu mais gosto, porque elas não aguentam a tecnologia, então eu fico na Terra. Mas quero ficar na Terra, sem que a Terra se torne num planeta supertecnológico, em que as próprias tecnologias dão cabo de nós, da nossa saúde, da nossa visão, compreensão, percepção, relações, enfim... Ora a analogia era esta: se me estão a dizer que eu posso ter Internet mais rápida mas abelhas vão ter de morrer, então eu não quero ter Internet mais rápida, até porque a Internet está espetacular como está. Tipo, tá fixe assim. Tipo o filme, tá fixe assim. Tipo, não mexam mais. Tipo, a tecnologia tá fixe agora... Não é preciso aumentarmos mais o volume das coisas. Eu até acho que nós devíamos diminuir um pouco... Mas tudo bem... Vamos aproveitar o que temos e tentar mexer com o que temos.

É que se nós só queremos mais e mais e mais e mais, nós depois acabamos por nem sequer aproveitarmos o que já temos e desenvolvermo-nos com o que já temos, que já é tipo para lá de espetacular. Tipo, nós avançamos, de repente, imenso. Mas imenso! Nós somos espetaculares! Mas temos de saber olhar também para os outros organismos que são espetaculares e que acabam por ser a ponte para as nossas vidas, porque se ligam a nós, como as abelhas. E por isso, eu acho que nós não podemos fazer nada que prejudique as abelhas. Quem diz abelhas, diz também outros seres. Aquilo que nós fazemos deveria ser decidido a partir disto, de um grupo de espécies que nós protegemos, que o Direito reconhece, porque temos um Direito que se ligou finalmente a uma Medicina, Biologia, Física, Química, Botânica, Ecologia, Vulcanologia, Astronomia e Oceanografia e com isto conseguimos formar uma pirâmide de espécies e recursos protegidos e que não podem nunca ser prejudicados. Era assim que eu acho que as coisas, se tivéssemos numa inteligente Sociedade Sofisticada deveria funcionar. Ou seja, todas as economias que prejudicassem um elemento da pirâmide, seriam economias proibidas ou que teriam de se reinventar para poderem sobreviver num novo sistema que é super fácil, facilímo de se montar. “Nem é preciso engenheiros” para isto. É só sermos humanos. Esqueci-me da Psicologia! Uma psicologia diagnosticou-me défice de atenção, mas eu não me esqueci de montar o sistema, de montar a pirâmide sempre baseado na Psicologia. Se temos uma empresa que prejudica a mente dos trabalhadores, ou uma nova tecnologia como os tais drones-moscas-robots em que nos confunde, eles não podem obviamente ser comercializados ou estarem nas mãos de todos. Mas também não é nas mãos só de alguns, só dos “poderosamente ricos”, porque se não vamos voltar sempre ao mesmo maçonismo de ideias. Eu já dei a solução.

Uma última história: o meu namorado levou-me a levar as estrelas. Disse-me para eu fechar os olhos e quando eu abrisse iria ver 6 cometas em 1 minuto (66 segundos). Eu abri e lá apareceram os 6 cometas cronometrados. O último apareceu no minuto 66, para dar azo à magia. Descobri depois que o meu namorado andava nas internets... As internets dele era a Internet da Astronomia em que seguia os fenómenos astronómicos e por isso sabia onde é que ia dar a chuva de estrelas e a que horas. Durante os *Illuminatti Games* tive um sonho em que tive de registar não só esta história como ligá-la ao sonho que tive. Eu estava a dormir com o meu namorado, mas uns putos apareceram com telecomandos de drones e chamaram-me, fazendo o sinal de “chiu” para eu não acordar o meu namorado. Lá fui. Chegámos a uma pequenina floresta e apareceram os putos todos da Legião de Ezequiel para me “mostrarem” num desfile as suas tecnologias. E vi de tudo. Vi estrelas, cometas no céu, vi uma data de espetáculos... Que se eu não estivesse ali a ver de onde vinham os efeitos

especiais, eu ia ficar sempre a achar que as luzes que apareciam no ar, um pouco acima de mim, mas que parecia que apareciam ao pé das estrelas, eram fenómenos naturais. O meu namorado saiu da cama, apareceu com as mantas todas atrás e os putos desapareceram. Esconderam-se. O meu namorado perguntou-me o que é que eu estava a fazer ali sozinho e eu disse que tinha só ido ver as estrelas. Disse-lhe que me tinha lembrado do tal dia dos 6 cometas. Fomos para a cama.

[22/01/2022] Raul Catulo Morais © Publicado entre 22/01/2022-29/01/2022 in **Film-Documentary 66mins 6 secs** in Real Time in **Illumminatti Games** in Jupiter Editions e reeditado e publicado em 26/03/2022 in Kanal Jupiter © Todos os direitos reservados

Raul Catulo Morais © Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala © **A Magia dos Algoritmos e o Chip Invisível Cerebral like an ALIEN MOVIE WROTE IN MASONS DIARY**

Referências do Chorão em 2080 de Antoine Canary-Wharf, 1ª Ordem, 1ª Impressão

— (...) Eu contei à Sarah e ao Thiago que a câmara da Ilha dos Lobos Marinhos tinha mandado cortar os ramos de um chorão onde o o Jakob me tinha estado a namorar na noite anterior e que o Jakob tinha dito que o chorão ia ficar a chorar como um bebé, como se estivesse num complô administrativo com a câmara; e a Sarah perguntou ao Jakob se ele se tinha ligado à Internet das Coisas da Câmara da Ilha dos Lobos Marinhos e o Jakob disse que iria ligar-se quando o São Valentim fosse o presidente da câmara da Ilha dos Lobos Marinhos; e o Thiago disse que o Jakob sabia muito bem que a câmara ia cortar os ramos, porque tinha visto online no site o anúncio da câmara, só que não me disse que tinha visto para me instalar uma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari e o Jakob respondeu que foi uma pura coincidência e que o Thiago estava a tentar fazer um intriga tecnológica só para poder ficar mais tempo ao meu colo; e eu disse que a câmara não tinha feito anúncio nenhum como a de Viana do Castelo, que ia avançar no abate de 30 plátanos por causa da construção de uma rotunda.

— O quê???? Abateram 30 árvores por causa de uma rotunda, pai? A sério? Em 2020? Hoje em 2080, não muito longe de 2020, nem por causa da construção de um casino com jardim botânico com canários e periquitos à solta, ou de um aeroporto que autoriza naves espaciais descolarem para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi ou de uma universidade que ensina o Direito à Botânica se abate uma árvore...

(...)Pág. 618 in 2080 de Antoine Canary-Wharf

— (...) E estava na ilha dos Lobos Marinhos, a passar todos os dias pelo chorão, que deve ter chorado por lhe terem cortado os ramos que chegavam até ao chão e lembrava-me sempre que na noite anterior eu tinha lá estado debaixo dele a tocar-lhe delicadamente nos ramos, enquanto o Jakob me apalpava e me dava beijos em plena rua dos bares, só porque o chorão com os seus frondosos ramos podia esconder o nosso namoro e contava ao Jakob como eu queria dar direitos aos ramos do chorão poderem chegar ao chão sem serem cortados, enquanto o Jakob num maquiavélico gozo, inspirado não sei por quem, dizia que era uma pena os meus direitos não chegarem a tempo de impedir aquele chorão, que era um chorão, fazer «unnnnhéééé» como um bebé, quando lhe cortassem os ramos, como se o Jakob tivesse adivinhado o corte, (...) pág. 818 in 2080 de Antoine Canary-Wharf.



www.jupitereditions.com